

## PARENTALIDADE E INFÂNCIA: A PSICANÁLISE NA MATRIZ TECNOLÓGICA CONTEMPORÂNEA

*Maria José Martins de Azevedo*<sup>1</sup>

A clínica contemporânea recebe novas sintomatologias, constelações psicopatológicas, fruto do encontro diferenciado do ser com a nova matriz cultural, social e histórica. Neste contexto, destacamos a consideração dada aos dispositivos eletrónicos na parentalidade do bebé e no desenvolvimento infantil.<sup>2</sup>

Nascidos de uma geração psicanaliticamente mais instruída do que as gerações anteriores, os pais, oriundos de um meio económico e profissionalmente bem estabelecido, preocupam-se, desde a gestação, com o desenvolvimento dos filhos, procurando nos dispositivos eletrónicos respostas para as dúvidas de parentalidade. A comparação entre o desenvolvimento do bebé, as práticas de parentalidade e os parâmetros divulgados propicia tanto a desvalorização e a inferiorização do potencial parental herdado, quanto a regressão adesiva à informação desumanizada, logarítmica e destituída de subjetividade relacional. Parentalidade fragilizada, a depressão assinala-se pela onnipotência, idealização, perda da espontaneidade parental, culpa e desistência. As expectativas narcísicas relativas a parâmetros desenvolvimentais do bebé, projetadas sobre ele, quando inseridas na competição inconsciente com os modelos pregressos de parentalidade

<sup>1</sup> Psicóloga, Psicanalista, Supervisora de Psicoterapia Psicanalítica, Formadora em Psicoterapia e Psicanálise. Membro da Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP), da Associação Internacional de Psicanálise (IPA), da federação Europeia de Psicanálise (FEP) e da *Société Européenne de Psychanalyse de L'Enfant et L'Adolescent* (SEPEA). É autora de quatro livros de psicanálise. *E-mail: mjmazevedo@hotmail.com*

<sup>2</sup> Cf. Ahumada, J. L. (2016). Is the Nature of Psychoanalytic Thinking and Practice (e.g., in Regard to Sexuality) Determined by Extra-Analytic, Social and Cultural Developments?: Insight under Siege: Psychoanalysis in the 'Autistoid Age'. *The International Journal of Psychoanalysis*, 97, 839–851.

transgeracional, tornam a vida relacional precoce palco de angústias persecutórias e depressivas. Inserida na comunidade virtual dos seguidores dos bloguistas, a nova parentalidade expõe-se à vertigem da proximidade intersubjetiva virtual com os «pensadores/orientadores/especialistas», «fazedores de opinião» que sugerem, desde dou-las, *coachs* de parentalidade, técnicas de manejo dos bebês, a exames invasivos para estudo da enurese e encoprese, evitando a contribuição psicanalítica. Ecrã da projeção crítica, persecutória onisciente, a psicanálise é denotada como demorada e pouco eficiente, pois não aconselha.

No final do percurso do desencantamento, o crescimento e a autonomia psíquicos são valorizados. O analista contacta então com a parentalidade-bebê exausta: díade mãe-bebê derrotada devido à incapacidade de alimentar — ser alimentada; adormecer — ser adormecida; separado — ser separada; incapaz de introduzir gradualmente a frustração — suportar gradualmente a frustração. Parentalidade na qual o pai se exclui — se sente excluído ou impotente para conter o par mãe-bebê, ou toma o lugar materno perante a desistência/depressão materna.

*M. tem 3 meses, um olhar triste. A perda de peso, limiar inferior normal, espelha o esgotamento da díade; no olhar materno, o terror, no choro da bebê, o desespero, se sair do colo. O psicanalista escuta, assiste, contém pais e bebê na sua intersubjetividade magoada. Propõe um caminho de reconstrução de uma parentalidade promissora da inscrição do bebê numa nova intersubjetividade, libertada das projeções alienantes. Defronta a dependência do progenitor aos ditames do influencer: o bebê deveria adaptar-se à vida adulta familiar preexistente; dormir na sala, com luz, barulho, junto aos pais, até estes se deitarem. A mãe, subjugada, seguia o marido, cujo aspeto infantil encontrara no influencer os pais ideais, os «libertadores» do seu passado infantil.*

Perante a falência da parentalidade contentora, capaz de atribuição de significado ao sofrimento primitivo do bebê, os dispositivos eletrónicos representam um lenitivo e sedativo. O aparelho surge em substituição do objeto transicional antidepressivo, calmante e sanígeno. O pseudo-objeto transicional, contrariamente ao verdadeiro — sujeito à ilusão do bebê —, impõe-lhe uma ilusão: capta a atenção espontânea do bebê, não lhe devolvendo nenhuma. A atenção de

que o bebê carece, para se constituir sujeito, é pervertida: recebe uma ilusão de atenção, indiscriminada, não compreensiva nem continente.

*R. é um menino de seis anos diagnosticado com um quadro de tipologia autista, hiperatividade, crises de violência na escola e perturbações do sono (pesadelos) desde os dois anos; desloca-se como um autômato. Concebido por fertilização in vitro, durante o tratamento do cancro do pai, a mãe aleitou-o e cuidou-o segundo as indicações recebidas no telemóvel, seguindo uma aplicação sugerida pela irmã mais velha, a viver nos EUA. O bebê, alimentado a cronómetro, adormece desde sempre com o telemóvel. Mãe, educadoras e professora do ensino básico haviam fracassado na tentativa de separação do aparelho. Com funções duplas de objeto autista<sup>3</sup> e de acesso a uma representação materna primitiva bidimensional e mecânica, R. não pode dele ser separado. Guincha, inundado de ansiedade agonizante: rebola-se no chão, para depois permanecer num estupor, a lembrar a catatonia. Só o retorno do objeto consegue o lento milagre do retorno ao alheamento vazio. A retoma nunca é rápida, nem sem sequelas: perde o apetite, o sono fica perturbado durante dias. A psicanálise da criança que não anússe a tratá-la aceitando a presença do seu telemóvel, como se de uma excrescência do self, um objeto autista, se tratasse, teria sido votada ao fracasso.*

Nesta reflexão, sublinham-se dois aspetos diferenciadores da psicanálise contemporânea. O primeiro, o par analítico, insere-se numa nova matriz cultural formada quer por elementos oriundos do contributo da psicanálise,<sup>4</sup> quer pelos relativos à nova era tecnológica, com os seus dispositivos; as mudanças sociais relativas ao contributo da psicanálise, bem como aos seus conceitos são veiculados sem referência à origem, emergindo um discurso pseudoinformado.

O segundo aspeto, relativo à inserção da parentalidade e da infância nesta nova matriz, sugere uma regressão na autoconfiança de cuidar da cria e na relação de confiança intergeracional: a nova parentalidade acolhe soluções veiculadas pelos aparelhos tecnológicos, acolhendolas no lugar de pais idealizados. No limite, desobrigada de gratidão, de coconstrução psíquica e do suporte relacional transgeracional,

<sup>3</sup> Cf. Frances Tustin (1981). *Les États Autistiques chez l'Enfant*. Éditions du Seuil.

<sup>4</sup> A autora defende representar a descoberta da psicanálise uma fratura conceptual e uma mudança de paradigma social, com impacto na instauração de uma nova discursividade. Cf. *Memória e Escrita Analítica — Ensaios de Psicanálise* (2024), pp. 93–105.

abandona a criança ao aparelho eletrônico. A psicanálise resgata a humanidade da criança ao dispositivo, aceitando, inicialmente, incluí-lo no espaço analítico, até que possa ser, pela criança, relegado ao limbo, uma vez a criança entregue à relação analítica vivificadora.